

A DOENÇA COMO FORMA DE SER LIVRE NO MUNDO

Uma abordagem Merleau-Pontiana

Caroline De Paula Bueno

Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, Brasil. E-mail: carol_bueno14@hotmail.com.

Resumo: Neste artigo buscamos abordar a perspectiva de Maurice Merleau-Ponty sobre corpo, saúde e doença e como esses elementos irão se desembocar no pensamento da liberdade e a arte em Cézanne. A crítica ao modelo tradicional de saúde e doença, baseado na visão biomédica que vê esses dois estados como opostos e define saúde como a mera ausência de doença, é crucial para uma compreensão mais ampla e humanizada da condição humana. Ao questionar a concepção de doença como simples anormalidade e o doente como alguém passivo, tratado apenas como objeto de intervenções médicas, o artigo segue uma linha de pensamento alinhada com a filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty que irá propor uma teoria da liberdade criadora, que se manifesta sem romper os vínculos com o mundo. Essa abordagem mais ampla e inclusiva valoriza a experiência subjetiva do indivíduo e reconhece a complexidade das interações entre saúde, doença e o mundo vivido pelo sujeito.

Palavras-chave: Filosofia. Merleau-Ponty. Cézanne. Fenomenologia. Psicopatologia.

Abstract: In this article we seek to address Maurice Merleau-Ponty's perspective on the body, health and illness and how these elements will lead to Cézanne's thoughts on freedom and art. Criticizing the traditional model of health and disease, based on the biomedical vision that sees these two states as opposites and defines health as the mere absence of disease, is crucial for a broader and more humanized understanding of the human condition. By questioning the conception of illness as a simple abnormality and the patient as someone passive, treated only as an object of medical interventions, the article follows a line of thought aligned with Merleau-Ponty's phenomenological philosophy, which will propose a theory of creative freedom, which manifests itself without breaking ties with the world. This broader and more inclusive approach values the individual's subjective experience and recognizes the complexity of the interactions between health, illness and the world experienced by the subject.

KEYWORDS: Philosophy. Merleau-Ponty. Cézanne. Phenomenology. Psychopathology.

INTRODUÇÃO

O artigo propõe uma reflexão profunda e instigante sobre a doença, não apenas como uma condição patológica, mas como uma experiência existencial que pode revelar formas autênticas de liberdade no mundo. A partir da perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, a doença é explorada como um fenômeno que pode desvelar novas dimensões do ser, transformando a maneira como o indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o mundo ao seu redor. Em vez de ser vista apenas como uma limitação ou um obstáculo, a doença é considerada uma oportunidade para reavaliar e redefinir a própria existência.

Assim, contextualiza-se a discussão com uma análise da obra e da vida do pintor Paul Cézanne, figura central na filosofia de Merleau-Ponty. Cézanne, cuja abordagem revolucionária à pintura transformou a arte moderna, é frequentemente citado por Merleau-Ponty como um exemplo de como a percepção e a expressão artística estão intrinsecamente ligadas à existência encarnada.

Cézanne experimentou uma forma singular de liberdade através de suas limitações e desafios pessoais, incluindo problemas de saúde. Sua luta contra a doença e suas dificuldades pessoais não apenas moldaram sua obra, mas também proporcionaram uma nova compreensão da relação entre o corpo, o mundo e a expressão artística. Merleau-Ponty utiliza Cézanne para ilustrar como a arte pode ser uma maneira de transcender as restrições físicas e psicológicas, revelando a liberdade inerente à experiência humana mesmo nas circunstâncias mais adversas.

Ao explorar a vida e a obra de Cézanne, o artigo demonstra como a doença, ao invés de simplesmente restringir, pode abrir novas possibilidades de ser no mundo, permitindo ao indivíduo uma forma de liberdade que é profundamente enraizada na autenticidade de sua existência corporal e perceptiva.

CÉZANNE: VIDA E ARTE

Paul Cézanne nasceu em Aix-en-Provence, uma cidade no sul da França, em 1839. Ele é conhecido por ser um dos pioneiros do movimento impressionista na pintura, embora tenha desenvolvido um estilo próprio que mais tarde influenciou o cubismo e outras correntes artísticas do século XX. Cézanne passou a maior parte de sua vida em Aix-en-Provence e faleceu lá em 1906, deixando um legado significativo na história da arte. Sua abordagem inovadora da forma e da cor teve um impacto duradouro na arte moderna.

A história da arte está repleta de figuras atormentadas e incompreendidas, e Paul Cézanne certamente se encaixa nesse perfil. Embora não tenha vivenciado a mesma intensidade dramática e tumultuada como Van Gogh ou Gauguin, Cézanne enfrentou seus próprios desafios e conflitos internos. Sua busca incessante pela perfeição na arte o consumiu profundamente, levando-o a um isolamento considerável. Cézanne teve dificuldades em ser reconhecido e compreendido pela sociedade e até mesmo pela comunidade artística de sua época. Sua autoexigência e autocrítica constantes contribuíram para um senso de insatisfação que permeava sua vida e obra.

Apesar de sua genialidade artística, Cézanne enfrentou obstáculos significativos, tanto pessoais quanto profissionais. Sua busca por capturar a essência da natureza em suas pinturas era uma jornada solitária e desafiadora, afastando-o de muitos relacionamentos e círculos sociais. É interessante como, muitas vezes, a genialidade artística vem acompanhada de lutas internas e tumultos pessoais. Essas histórias acabam se tornando parte integrante da narrativa desses artistas e contribuem para a compreensão mais profunda de suas obras e do contexto em que foram criadas.

O mistério Cézanne, que seus contemporâneos não entenderam, e menos ainda seus compatriotas de Aix-en-Provence, permeava esse burguês inchado de ignorância e arrogância que definhava em uma cidade adormecida ao redor das suas fontes, tão segura da sua beleza e dos seus encantos que se esquecia de viver. Mais tarde, a cidade recuperou o filho da terra que tanto desprezara: atualmente, as placas de cobre incrustadas nas calçadas com a efígie do pintor indicam os espaços Cézanne, um liceu Cézanne e os itinerários Cézanne. O louco, o possesso, o filho do banqueiro tornaram-se a glória da cidade (Fauconnier, 2009, p. 07).

Cézanne era conhecido por sua dedicação extrema à pintura. Sua paixão pela arte era tão intensa que ele considerava a pintura como seu mundo e modo de existência. Desde cedo, Cézanne sentiu que a pintura era sua verdadeira vocação, embora tenha enfrentado obstáculos significativos para segui-la, incluindo a oposição de seu pai, que inicialmente desejava que ele se tornasse advogado.

[...] Seu pai exigia que ele entrasse para a Faculdade de Direito. A velha raposa queria que o filho seguisse uma carreira honrosa, o banco, a toga, o que lhe abriria as fechadíssimas portas das casas burguesas das quais ele sempre fora excluído. O Direito era uma matéria ingrata, e Cézanne descobriria uma paixão: desenhar, pintar. Claro que ele não podia contar para o pai, que o receberia com frases sarcásticas: “Morre-se com talento e come-se com dinheiro”. [...] Cada vez que o velho via o filho com um pincel na mão, erguia os ombros de pena. Que bela ideia tivera no dia em que lhe dera de presente aquele estojo com aquarelas que comprara a um bom preço... Louis-Auguste estava preocupado. No início, achara que tudo não passava de um capricho. Porém aquele filho imprestável parecia agarrar-se à sua paixão (Fauconnier, 2009, p.19-20; 23).

Uma característica marcante do processo de pintura de Cézanne era a sua abordagem meticulosa e minuciosa. Para criar uma única natureza morta, ele podia realizar inúmeras sessões de trabalho, chegando a levar até cem sessões para concluir um único retrato.¹ Sua técnica era notavelmente lenta, laboriosa e experimental, muitas vezes envolvendo várias tentativas e retornos à tela. Às vezes, ele até abandonava uma obra quando sentia que não conseguia expressar fielmente o que via. O artista buscava capturar não apenas a aparência superficial, mas a essência e a estrutura subjacentes das formas e objetos que pintava. Sua abordagem revolucionária influenciou não só a arte moderna, mas também a forma como os artistas viam e representavam o mundo ao seu redor.

Cézanne tinha uma relação única com sua arte. Ele era conhecido por sua intensa autoexigência e sua busca incessante pela perfeição na representação da natureza em suas telas. Sua relutância em expor suas obras e sua autocrítica constante indicavam uma profunda insatisfação consigo mesmo, mesmo quando outros reconheciam seu talento e genialidade.

Era invadido por sensações extraordinárias, visões em que suas mãos eram impotentes de reproduzir, passava da opressão ao frenesi. Durante seus ataques de raiva, rabiscava, rasgava, destruía, recomeçava. Talvez a raiva fosse seu único pecado capital, mas que força tinha! Ela lhe fechará portas, o afastará das pessoas benévolas, o trancará na solidão. Por outro lado, sem essa raiva fundamental, terrível, da qual extrairá sua vontade e sua força, ele não teria se tornado Cézanne (Fauconnier, 2009, p.24-25).

A busca incansável de Cézanne estava centrada em encontrar uma maneira de capturar a verdade da natureza, não apenas em sua aparência visual, mas também em sua essência e estrutura subjacentes. Ele buscava uma síntese entre as formas e cores naturais e a representação na tela, buscando diminuir a distância entre o que via e o que conseguia pintar.

O "fim tão procurado e por tanto tempo perseguido" (Merleau-Ponty, 1996, p. 13) mencionado por Cézanne em sua carta a Bernard possivelmente faz referência a alcançar uma compreensão completa e satisfatória de sua própria arte. Ele desejava capturar a essência da natureza de uma forma que satisfizesse suas próprias expectativas rigorosas. Essa busca incessante

¹ A obsessão de Cézanne pela Montanha de Santa Vitória é um testemunho do seu compromisso incansável em capturar não apenas a aparência física, mas também a essência e a alma da natureza em suas obras. A paisagem, particularmente a visão da Montanha de Santa Vitória, tornou-se uma fonte de inspiração inesgotável para ele. Suas numerosas representações da montanha em diferentes mídias, como pinturas a óleo, aquarelas e desenhos, refletem não apenas sua dedicação, mas também seu desejo de compreender profundamente a paisagem e suas variações ao longo do tempo e das estações. Ao perseguir essa montanha em suas obras repetidamente, Cézanne não estava apenas capturando uma paisagem física, mas buscando entender as nuances de luz, sombra, cor e forma que ela apresentava. Sua abordagem meticulosa e persistente demonstra sua busca incessante pela verdade e pela perfeição na representação da natureza.

o levava a se isolar e a se distanciar de muitos, incluindo sua própria família e a comunidade artística da época.

Não conseguia viver com a pintura, nem sem ela: o próprio sintoma da paixão. Chegou a Paris e, no dia seguinte, já queria ir embora. Zola aborreceu-se. ‘Será que para você a pintura não passa de um capricho que um dia agarrou-o pelos cabelos quando você se enfada? De um passatempo, de um assunto de conversação? De um pretexto para não estudar Direito? Se for assim, eu entendo sua conduta, você tem razão em não levar as coisas ao extremo para não criar novos problemas na família. Contudo, se a pintura for sua vocação – e eu sempre a considere assim -, se você sente que fez a coisa certa depois de trabalhar bem, então, para mim você passará a ser um enigma, uma esfinge, um quê impossível e tenebroso’ (Fauconnier, 2009, p. 26).

Em resumo, o artista buscava um nível de perfeição e compreensão da arte que o consumia profundamente, levando-o a uma vida de solidão e introspecção, sempre perseguindo um ideal que parecia fugir mesmo quando alcançado em parte. Cézanne era, de fato, muito mais do que um simples executor de pinceladas guiadas pela visão. Sua abordagem à pintura era profundamente intelectual e reflexiva. Apesar da intensa conexão sensorial que ele mantinha com a natureza, havia um processo meticuloso de refinamento intelectual das sensações antes que essas fossem transferidas para a tela.

Ao contrário da ideia de que a pintura era simplesmente uma resposta imediata e reflexiva às percepções visuais, Cézanne buscava algo mais complexo. Ele não apenas captava as sensações visuais, mas também as analisava e as refinava intelectualmente. Sua abordagem envolvia um processo meticuloso de consideração, reflexão e ajuste antes de transferir essas sensações para suas pinturas. Essa prática mostrava o cuidado e a profundidade com que ele abordava a representação da natureza. Cézanne estava constantemente envolvido em um diálogo interno entre sua percepção sensorial e sua reflexão intelectual, buscando encontrar um equilíbrio entre esses elementos na composição de suas obras.

CONCEITO DE DOENÇA EM MERLEAU-PONTY

Merleau-Ponty, em seus estudos fenomenológicos existenciais, buscou superar a filosofia da consciência e também o positivismo na ciência; para isso ele fundamentou essa compreensão como base no corpo vivo que é situado no mundo da experiência; inclusive seus estudos sobre o tema tiveram influência para o pensamento de autores como Georges Canguilhem e Michel Foucault.

A temática do corpo é um dos principais elementos de estudos para o autor. Para ele o corpo possui um sentido ontológico; cada indivíduo é um corpo e a consciência como sendo

encarnada no corpo. Com essa proposta teórica o autor problematiza a ideia de que o espírito que comanda o sujeito está fora do corpo. Esse corpo, no entanto, não está solto no mundo, ele está entrelaçado com o mundo em uma situação; ou seja, é por meio do corpo que se conhece o mundo e o mundo passa a ser incorporado ao próprio corpo por meio das experiências. “Ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (Merleau-Ponty, 1999a. p. 205). Além disso, nas palavras do autor,

Mesmo normal, mesmo envolvido em situações inter-humanas, o sujeito, enquanto tem um corpo, conserva a cada instante o poder de esquivar-se disso. No próprio instante em que vivo no mundo, em que me dedico aos meus projetos, a minhas ocupações, a meus amigos, a minhas recordações, posso fechar os olhos, estirar-me, escutar meu sangue que pulsa em meus ouvidos, fundir-me a um prazer ou a uma dor, encerrar-me nesta vida anônima que subtende minha vida pessoal. Mas, justamente porque pode fechar-se ao mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação. O movimento da existência em direção ao outro, em direção ao futuro, em direção ao mundo pode recomeçar, assim como um rio degela (Merleau-Ponty, 1999a. p. 227-228).

Sua perspectiva fenomenológica destaca a interconexão entre o corpo, a percepção e o ambiente. Em vez de ver a saúde apenas como a ausência de doença, ele enfatiza a importância da experiência corporal e da interação entre o indivíduo e seu contexto (Mendes, 2014).

O autor desafia o modelo biomédico ao sugerir que a saúde e a doença não são estados completamente separados, mas sim fenômenos inter-relacionados. Ele argumenta que a compreensão da saúde deve considerar não apenas aspectos físicos, mas também experiências subjetivas, emocionais e contextuais. Essa abordagem mais holística² busca compreender a saúde e a doença dentro de um contexto mais amplo, levando em conta não apenas os aspectos biológicos, mas também os sociais, psicológicos e ambientais que influenciam a experiência humana da saúde e da doença.

Merleau-Ponty realmente rejeita a noção de saúde e doença como fenômenos opostos ou hierarquizados. Ele os vê como experiências existenciais interligadas, que não devem ser consideradas separadamente ou em termos de uma superioridade hierárquica de um sobre o outro. Para ele, saúde e doença são parte da existência humana e estão entrelaçadas na experiência corporal e na percepção do mundo. Ele enfatiza a inseparabilidade desses estados, argumentando que não podemos compreender completamente a saúde sem considerar a presença da doença, e vice-versa. A abordagem dele destaca a importância de considerar a complexidade da experiência humana, onde a saúde e a doença coexistem e se entrelaçam. Nas palavras do autor,

² No sentido estrutural, não espiritualista.

[...]doença e saúde não são modalidades da consciência ou da vontade, eles supõem um "passo existencial". A afonia não representa apenas uma recusa de falar, a anorexia uma recusa de viver, elas são essa recusa do outro ou essa recusa do futuro arrancadas da natureza transitiva dos "fenômenos interiores", generalizadas, consumadas, tornadas situação de fato (Merleau-Ponty, 1999a, p. 227).

O autor contesta a visão dualista que separa corpo e mente, uma visão que remonta à filosofia cartesiana que enfatiza a superioridade da mente sobre o corpo. Em contrapartida, Merleau-Ponty propõe uma abordagem mais integrada, onde corpo e mente não são entidades separadas, mas sim componentes interligados e inseparáveis da experiência humana. Para ele, o corpo não é apenas um objeto físico passivo, mas sim um meio fundamental de compreensão do mundo. Ele destaca a importância da corporeidade na percepção, na experiência e na formação da consciência. Essa perspectiva fenomenológica enfatiza a unidade entre corpo e mente, desafiando a dicotomia cartesiana que tende a hierarquizar a mente sobre o corpo. Por esta razão,

[...] o acontecimento psicofísico não pode mais ser concebido à maneira da fisiologia cartesiana e como a contiguidade entre um processo em si e uma *cogitado*. A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência. Foi a existência que encontramos no corpo aproximando-nos dele por uma primeira via de acesso, a da fisiologia (Merleau-Ponty, 1999a, p. 131).

Ao considerar corpo e mente como entrelaçados, Merleau-Ponty ressalta a importância de compreender a experiência humana como uma totalidade integrada, onde a percepção, a cognição e a experiência são moldadas pela interação entre corpo e mente. Essa abordagem desafia a visão dualista que fragmenta a existência humana em partes separadas e enfatiza a importância de compreender o ser humano como um todo indivisível.

Para tanto o autor buscou estudos neurológicos contemporâneos, especialmente aqueles relacionados à plasticidade cerebral, que ecoavam de certa forma a compreensão fenomenológica do corpo presente em sua teoria. Enquanto os estudos neurológicos antigos tendiam a ver o cérebro como tendo regiões estáticas responsáveis por funções específicas, os avanços mais recentes têm destacado a plasticidade cerebral, ou seja, a capacidade do cérebro de se reorganizar e adaptar em resposta a experiências e mudanças ambientais.

Esses estudos contemporâneos, assim como a visão de Merleau-Ponty, desafiam a noção de dicotomias rígidas e estáticas, sugerindo uma abordagem mais integrada e dinâmica do funcionamento cerebral e da experiência humana. A plasticidade cerebral sugere que as funções

cerebrais não são estritamente localizadas em áreas específicas, mas sim distribuídas e interconectadas de maneira mais complexa e flexível.

Oliver Sacks³, um renomado neurologista, em suas obras explorou casos de pacientes que demonstraram a extraordinária capacidade de adaptação e mudança do cérebro diante de lesões ou mudanças drásticas. Seus relatos ressaltam a capacidade do cérebro de se reorganizar e de adaptar-se de maneiras surpreendentes, o que está alinhado com a ideia de uma visão mais holística e dinâmica da relação entre corpo, mente e experiência, sem se ater a dicotomias rígidas. Essa convergência entre os estudos neurológicos contemporâneos e a filosofia de Merleau-Ponty ressalta a complexidade e a interconexão entre a experiência humana e o funcionamento do cérebro.

[...] em patologia geral, os sintomas observáveis são algumas vezes dados inequivocamente: trata-se de deficiências maciças, muitas vezes o organismo deixa em todas as circunstâncias de responder a certas excitações físico-químicas, o distúrbio afeta certos fragmentos reais do comportamento. Ou, para ser mais exato, como são as adaptações fundamentais relativas ao meio vital que estão comprometidas, as solicitações desse meio normalmente bastam para detectar e caracterizar a doença. Assim o comportamento patológico poderá muitas vezes ser definido por uma análise real que identifica as reações conservadas e as reações abolidas (Merleau-Ponty, 2006, p. 95).

Ou seja, percebemos que a manifestação de sintomas observáveis em patologias gerais, onde os sinais de doença podem ser facilmente identificados por meio de deficiências notáveis no funcionamento do organismo. Essas deficiências podem se manifestar como incapacidade de resposta a estímulos físico-químicos normais ou como uma alteração significativa em certos aspectos do comportamento. A patologia, nesse contexto, é identificada não apenas por sinais diretos de doença, mas também por uma análise das adaptações essenciais do organismo em relação ao ambiente vital. Quando essas adaptações fundamentais são comprometidas e as respostas normais do organismo são abolidas ou significativamente alteradas, isso pode ser interpretado como um comportamento patológico. Essa abordagem enfatiza a importância de identificar não apenas as respostas anormais, mas também as reações que permanecem preservadas ou as respostas que são perdidas ou suprimidas. Essa análise detalhada é fundamental na compreensão e na caracterização das doenças e de suas manifestações observáveis.

³ Segundo Sacks, “Os neurocientistas começaram a reconhecer, nos anos 1970, que poderia existir uma certa flexibilidade ou plasticidade no cérebro, pelo menos nos dois primeiros anos de vida. Mas pensavam que, passado esse período crítico, o cérebro tornava-se muito menos plástico. No entanto, o cérebro permanece capaz de mudanças radicais em resposta a uma privação sensorial” (2010, p. 182).

Para Merleau-Ponty, a doença não é apenas uma questão de comportamentos específicos perdidos ou preservados, mas sim algo que transcende o observável. Ele enfatiza a importância de considerar o sentido mais amplo e subjetivo da experiência da doença, não apenas os sinais objetivos visíveis. Isso significa olhar para além das manifestações externas e observáveis da doença e considerar como o sujeito doente se relaciona, percebe e interage com o mundo ao seu redor. Com isso o autor destaca a necessidade de compreender a experiência subjetiva da doença, levando em conta não apenas os sintomas físicos, mas também a vivência e a percepção do sujeito doente. É uma visão que valoriza a compreensão mais profunda do significado da doença para o indivíduo, indo além dos aspectos meramente observáveis e quantificáveis.

A doença não é mais, como na representação comum, uma coisa ou uma potência que provocaria certos efeitos; o funcionamento patológico não é mais, como numa ideia excessivamente difundida, homogêneo ao funcionamento normal. É um novo significado do comportamento, e a relação do distúrbio essencial com os sintomas não é mais de causa/efeito, mas a relação lógica de princípio/consequência ou de significado/signo (Merleau-Ponty, 2006, p. 99).

Ou seja, a perspectiva de Merleau-Ponty sobre a doença desafia a representação comum que a vê como uma entidade ou força que causa certos efeitos previsíveis. Ele propõe uma compreensão mais complexa em que o funcionamento patológico não é simplesmente uma versão distorcida do funcionamento normal. Segundo ele, o funcionamento patológico não pode ser considerado homogêneo ao funcionamento normal. Em vez disso, ele é visto como um novo significado do comportamento, uma reorganização ou mudança no modo como o organismo se relaciona consigo mesmo e com o ambiente. Essa mudança de perspectiva sugere que a relação entre o distúrbio essencial (o funcionamento patológico) e os sintomas não é simplesmente de causa e efeito.

Ao invés disso, o autor propõe uma relação lógica de princípio e consequência, de significado e signo. Ele sugere que os sintomas não são apenas resultados diretos do distúrbio essencial, mas são significados ou sinais que refletem a reorganização mais ampla que está ocorrendo no organismo. Essa abordagem muda a ênfase da causa direta para uma compreensão mais profunda do significado subjacente aos sintomas e ao funcionamento patológico, enfatizando a complexidade e a singularidade da experiência da doença para cada indivíduo.

CONCEITO DE LIBERDADE EM MERLEAU-PONTY

Quando Merleau-Ponty aborda o conceito de liberdade na temática da criação artística, ele entende que só é possível por meio de um engajamento, num enraizamento na vida e no mundo, e

essa escolha se dá por meio das experiências concretas deste mundo. Ou seja, é devido ao indivíduo estar no mundo e estar enraizado nele que a liberdade se torna possível; a liberdade é um elemento concreto.

O conceito de liberdade para o autor é um paradoxo, isso porque ao mesmo tempo que nunca mudamos, também nunca somos indivíduos determinados. Esse sujeito enquanto singularidade é quem vivencia suas experiências, que traz com ele tudo o que ele já foi e já viveu, entretanto, esses elementos não determinam suas respostas diante das experiências futuras.

Assim, tendo claro que não podemos mudar o que somos, que não mudamos o passado e que nosso futuro não é uma determinação, o desafio, para o autor, é entender como essa liberdade pode se apresentar de maneira que não dilacere nosso vínculo com o mundo, e que a indeterminação e a regularidade da existência possam ocorrer ao mesmo tempo. É desse ponto que o filósofo irá tecer críticas ao determinismo e a ideia de liberdade não situada. Isso porque as situações não são puramente determinadas e além disso não há uma liberdade pura; as duas são construídas pela junção das duas. Segundo Moura (2010, p. 37),

[...] entre liberdade e situação não há distância, mas constituição recíproca, a abertura da situação exigindo um ato que a retome, e a liberdade do homem uma situação que a faça ser, formando ambas portanto uma estrutura única, uma liberdade situada ou uma situação livre em que nem uma nem outra são absolutas pois cada uma delas, ao realizar-se, traz em si a outra como seu avesso.

A visão de Merleau-Ponty sobre liberdade e situação é profundamente interligada. Ele argumenta que não há uma separação entre liberdade e situação, mas sim uma relação de constituição recíproca entre ambas. A situação em que um indivíduo se encontra exige um ato de liberdade para ser reafirmada, e a liberdade de um indivíduo é moldada pela situação na qual ele está inserido.

Essa relação entre liberdade e situação forma uma estrutura única, uma espécie de interdependência na qual nem a liberdade nem a situação são absolutas. Cada uma delas, ao se realizar, traz consigo a outra como seu complemento. Isso significa que a liberdade de um indivíduo é moldada pela situação em que ele vive, ao passo que a situação também é afetada pela liberdade de ação do indivíduo. Merleau-Ponty destaca que essa interconexão entre liberdade e situação implica que a liberdade de um indivíduo não é uma liberdade absoluta e desvinculada de sua situação. Da mesma forma, a situação na qual alguém está inserido não é completamente determinante, pois a liberdade de ação e escolha do indivíduo pode moldar e influenciar essa situação.

Essa noção de "liberdade situada" ou "situação livre" ressalta a interdependência e complexidade da relação entre a liberdade individual e o contexto no qual ela se manifesta, mostrando como ambas se entrelaçam e se complementam. Sem dúvida, a obra de Cézanne oferece uma perspectiva valiosa para a reflexão sobre o problema da liberdade. Sua abordagem artística e seu processo criativo podem ser interpretados como uma busca incessante pela liberdade na expressão e na representação da realidade. O pintor não se limitava a replicar a realidade de maneira convencional. Em vez disso, ele explorava novas formas de representação, desafiando as convenções artísticas de sua época. Sua abordagem revolucionária da forma, da cor e da composição influenciou fortemente a arte moderna, mostrando uma busca pela liberdade criativa e pela liberdade de expressão.

Além disso, sua insistência em capturar a essência da natureza, indo além da mera aparência visual, reflete uma busca pela liberdade de compreensão e interpretação do mundo ao seu redor. Cézanne buscava uma verdade mais profunda, uma liberdade de percepção que transcendesse a simples representação objetiva. Essa abordagem do artista, com sua exploração constante e sua abertura para novas possibilidades, oferece uma maneira de repensar a noção de liberdade na criação artística e na interpretação da realidade. Nas palavras de Moutinho:

Trata-se então de compreender duas coisas ao mesmo tempo: que não somos jamais determinados e, retrospectivamente, sempre podemos encontrar em nosso passado o anúncio do que nos tornamos (SNS, 28). É esse “movimento circular de nossa vida”, essa relação de mão dupla, essa ambiguidade, que permite compreender a gênese de um sentido que é inédito, mas não ex nihilo, imotivado, gratuito (Moutinho, 2006, p. 360).

Dessa forma, podemos perceber que a obra de arte não pode ser completamente explicada de maneira unilateral, pois está enraizada na complexidade das experiências, influências, vivências e possibilidades que o sujeito enfrenta ao longo da vida. A relação entre os elementos constitutivos de uma obra de arte não é linear, pois reflete a complexidade das relações do sujeito com o mundo, a cultura e os outros. O processo criativo não é uma sequência rígida de causas e efeitos, mas sim um espaço onde a liberdade criativa se manifesta na elaboração de uma obra.

O sujeito, ao criar, está situado no presente de sua vivência, trazendo consigo uma mistura de passado e futuro, influências e possibilidades. A liberdade exercida pelo sujeito na criação artística permite não apenas a transformação da obra, mas também a transformação do próprio sujeito. Essa relação dinâmica entre o sujeito e sua obra reflete uma busca incessante, um projeto em constante evolução e transformação, nunca totalmente definido ou acabado.

Cézanne, como tantos outros artistas, viveu em constante metamorfose em sua relação com o mundo e com sua própria expressão artística. Sua obra é vista como um processo em andamento,

um caminho de busca e descoberta, uma expressão contínua da busca pela ideia e pela liberdade que nunca alcançam um estado final completo. A obra de arte é, portanto, um reflexo da vida em constante transformação do sujeito que a cria.

CÉZANNE: DA DOENÇA À LIBERDADE

Merleau-Ponty era apaixonado pelas artes em geral e com maior vigor, as artes plásticas, a pintura (Mendes ET AL., 2014). O filósofo valoriza profundamente o papel da pintura e das artes visuais como meios para compreendermos o mundo através da percepção. Ele acredita que a pintura nos possibilita reconectar com a visão das coisas de uma forma mais significativa e profunda. Para o autor, a pintura não é apenas uma representação visual passiva, mas sim uma forma de explorar e entender a percepção humana. Ele defende a ideia de que uma filosofia da percepção que busque compreender verdadeiramente como vemos e experimentamos o mundo deve reconhecer a importância da pintura e das artes em geral.

Ao observar uma obra de arte, especialmente a pintura, somos convidados a reexaminar nossa própria percepção e a forma como interagimos com o mundo ao nosso redor. A pintura nos possibilita ver o mundo de maneira renovada, permitindo-nos acessar aspectos e detalhes que muitas vezes passam despercebidos em nossa percepção cotidiana.

Ele também enfatiza a dignidade da pintura e das artes visuais como fontes valiosas de conhecimento sobre a percepção e sobre como entendemos e nos relacionamos com o mundo. Ele considera a pintura como um meio pelo qual podemos aprender a ver o mundo de maneira mais profunda, sensível e significativa, alimentando assim uma filosofia da percepção mais rica e completa. Merleau-Ponty, ao estudar a obra de Cézanne e sua abordagem da pintura, oferece contribuições valiosas para repensar a compreensão da doença e do doente. Sua análise da pintura de Cézanne não se limita à estética ou à técnica artística; ela oferece *insights* sobre a experiência humana e a percepção que podem ser extrapolados para questões mais amplas, como a compreensão da doença.

Ao examinar a obra de Cézanne, Merleau-Ponty destaca a importância da experiência perceptual e da forma como vemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Ele sugere que a pintura não é apenas uma representação visual, mas uma expressão da maneira como interagimos e compreendemos a realidade. Essa abordagem fenomenológica da percepção e da experiência humana oferece uma nova maneira de considerar a doença. Ele propõe uma compreensão mais

holística, que reconhece a interconexão entre a experiência subjetiva da doença e a percepção do mundo pelo indivíduo doente.

Assim, o autor traz uma perspectiva que convida a repensar o que se entendia como doença, destacando a importância da subjetividade, da percepção e da experiência na compreensão da condição do doente. Essa abordagem mais ampla e fenomenológica oferece novas maneiras de entender e lidar com a doença, integrando aspectos subjetivos e individuais à compreensão da saúde e da doença. A visão clássica tendia a analisar crianças ou pessoas com condições médicas específicas comparando-as com um modelo de adulto saudável, usando esse padrão como referência. Esse método frequentemente resultava na interpretação das diferenças como desvios ou anormalidades, sem levar em conta a singularidade das experiências e vivências desses indivíduos no mundo.

Essa abordagem tendia a rotular as crianças ou pessoas com condições diferentes como "doentes" ou "sem sentido", pois não se encaixavam no padrão considerado normal. Isso não apenas limitava a compreensão desses indivíduos, mas também reforçava estigmas e marginalizações, impedindo uma compreensão mais profunda de suas experiências e da forma como interagem com o mundo ao seu redor. Merleau-Ponty desafia essa visão, buscando compreender as experiências e vivências desses indivíduos em seus próprios termos. Eles destacaram a importância de considerar a subjetividade, a singularidade e as experiências específicas de cada pessoa ao analisar questões de saúde, doença ou diferença.

Essa abordagem fenomenológica e humanizada enfatiza a necessidade de compreender a vida das pessoas com base em suas próprias experiências, em vez de simplesmente compará-las com um modelo padrão de normalidade. Isso abre espaço para uma compreensão mais ampla e empática das diversas formas de existência e vivência no mundo.

Nas palavras do autor:

O conhecimento das crianças e dos doentes permaneceu por muito tempo rudimentar justamente em virtude desses preconceitos: as questões que o médico ou o experimentador lhes colocavam eram questões de homem; procurava-se menos compreender como viviam por conta própria do que calcular a distância que os separava do adulto ou do homem sadio em seus desempenhos comuns (Merleau-Ponty, 2004a, p. 31).

Merleau-Ponty oferece elementos significativos para questionar a noção tradicional de doença como simples anormalidade e o doente como objeto passivo de intervenções médicas, muitas vezes considerado como alguém incapaz.

Cézanne, viveu uma vida marcada por desafios e contradições. Apesar de ser um dos grandes mestres da arte moderna, ele enfrentou muitos obstáculos pessoais e familiares ao longo

de sua jornada como pintor. A relação complicada com seu pai, que não apoiava sua paixão pela pintura, adicionou uma camada de dificuldade e pressão sobre sua carreira artística. Sua falta de confiança em suas próprias habilidades, combinada com suas lutas internas e oscilações de humor, demonstrava uma personalidade complexa e atormentada. O artista era conhecido por sua indecisão, momentos de depressão, explosões de raiva e dificuldade em se adaptar aos ambientes urbanos, preferindo a tranquilidade e a familiaridade de sua cidade natal, Aix-en-Provence, aos agitos de Paris.

Essas características complexas de sua personalidade e as dificuldades que enfrentou ao longo de sua vida muitas vezes são refletidas em sua obra artística, que transitava entre a busca pela perfeição e a experimentação ousada, resultando em um estilo único e revolucionário na história da arte. Cézanne era conhecido por sua personalidade reclusa e por ter dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos próximos. Sua preferência pela solidão e sua relutância em interagir socialmente levaram muitos a interpretá-lo como alguém distante ou incompreendido. Seus comportamentos muitas vezes eram mal interpretados, e alguns críticos chegaram a rotulá-lo como "louco".

Sua relutância em se envolver em situações sociais novas ou desconfortáveis refletia uma certa dificuldade em lidar com contextos que fugiam da sua zona de conforto. Isso não apenas influenciou suas relações pessoais, mas também impactou sua carreira e suas interações com o mundo da arte e da crítica. Essas características pessoais de Cézanne, embora tenham representado obstáculos em sua vida social, podem ter contribuído para sua intensa dedicação à sua arte. Sua busca pela solidão e sua imersão na criação artística podem ter sido essenciais para a profunda introspecção e inovação que caracterizam sua obra. Como destaca Merleau-Ponty:

Essa fuga nos hábitos, num meio que não se coloca problemas, essa operação rígida entre a teoria e a prática, entre `ser fisgado´ e uma liberdade de solitário – todos esses sintomas permitem falar de uma constituição mórbida e, por exemplo, como foi dito em relação a El Greco, de uma esquizoidia (Merleau-Ponty, 2004b, p. 125).

Merleau-Ponty, ao abordar a vida e obra de Cézanne, reconhecia as dificuldades pessoais do pintor, mas não o considerava incapaz. Para ele, a pintura era o mundo de Cézanne, sua forma de existir, e ele enxergava nas potencialidades artísticas de Cézanne uma expressão única e valiosa. O autor francês via além das limitações percebidas por outros e destacava as habilidades e potencialidades de Cézanne na pintura. Em vez de rotular Cézanne com base em padrões convencionais de normalidade, Merleau-Ponty reconhecia a singularidade da expressão artística de Cézanne, relacionando-a diretamente à sua forma única de experienciar o mundo.

Ao destacar as potencialidades de Cézanne na pintura, Merleau-Ponty ressaltava a importância de ir além das limitações externas percebidas e entender a expressão artística como uma manifestação profunda da experiência individual. Ele contribuía para uma abordagem mais humanizada e inclusiva, enfatizando as capacidades criativas e expressivas de Cézanne, mesmo diante de suas dúvidas e dificuldades pessoais. Ao se dirigir a Cézanne, Merleau-Ponty ressalta que:

[...] há uma relação entre a constituição esquizoide e a obra de Cézanne porque a obra revela um sentido metafísico da doença – a esquizoidia como redução do mundo à totalidade das aparências imobilizadas e suspensão dos valores expressivos, porque a doença cessa então de ser um fato absurdo e um destino para tornar-se uma possibilidade geral da existência humana quando enfrenta de forma consequente um de seus paradoxos – o fenômeno da expressão (Merleau-Ponty, 2004b, p. 136).

Os estudos de Merleau-Ponty sobre Cézanne desafiam a concepção tradicional de doença que muitas vezes é baseada estritamente no modelo biomédico, no qual a doença é vista como uma condição puramente negativa e oposta ao que é considerado "normal". Para ele, a pintura é vista como uma forma de expressão genuína do ser no momento vivido, uma forma de comunicação e uma expressão da liberdade criativa. No contexto de Cézanne, seus quadros eram uma expressão de sua percepção única sobre o mundo que o cercava. Ao pintar, ele reinventava seu próprio mundo e sua própria existência, dando sentido e significado à sua vida por meio da expressão artística.

Ao destacar a relação entre a obra de Cézanne e seu contexto de vida, Merleau-Ponty mostra como a expressão artística pode ser uma forma de reinventar a própria realidade, transcendendo as limitações impostas por condições de saúde ou pelas concepções tradicionais de normalidade. Essa abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty enfatiza a importância de considerar a experiência subjetiva do sujeito, sua relação com o mundo e como a expressão artística pode ser uma forma de transcendência e recriação da própria existência. Nesse modelo tradicional,

[...] a causalidade natural das doenças, dificultando qualquer expressão mais holística da saúde. O corpo humano é considerado na medicina acadêmica como uma máquina e cada órgão como uma peça. O papel do médico é de atacar a doença, isto é, de consertar os defeitos de um mecanismo enguiçado. Ao concentrar-se em elementos cada vez menores e divididos do corpo, o médico perde de vista o doente e todo o processo de inter-relação sócio-cultural, psicossocial e espiritual que permeia qualquer doença (Minayo, 1988, p. 375).

Nesse entendimento tradicional de doença, a doença é tida como uma anormalidade e o doente tratado como um objeto que está passível a intervenção, isso por ser considerado como incapaz. No modo tradicional ocorre uma necessidade de “arrumar/corriger” a doença, o defeito. Ao invés de simplesmente rotular ou focar na condição de doença como algo que define a pessoa, Merleau-Ponty ressalta a importância de compreender o sujeito doente em sua totalidade, considerando suas experiências, perspectivas e interações com o mundo. Ele coloca ênfase na relação entre o sujeito e seu ambiente, reconhecendo a influência e a relevância desse contexto na vida e na expressão do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa reflexão sobre a vida de Cézanne e sua abordagem à pintura, articulada com as ideias de Merleau-Ponty, ressalta a profunda ligação entre a arte e a percepção do mundo. Para Cézanne, pintar não era apenas reproduzir o visível, mas sim capturar a essência das relações e harmonias da natureza, reinterpretando-as com uma lógica e uma expressão pessoal. Ele buscava criar uma "harmonia paralela à natureza", não como uma cópia, mas como uma manifestação única, trazendo à luz aquilo que ele percebia e sentia diante da natureza.

A citação de Klee (1985), "a arte não reproduz o visível; ela torna visível" (p. 34), ressoa profundamente nesse contexto. Cézanne procurava revelar o mundo de uma forma que pudesse ser acessível e compreendida por todos, liberando as aparições da natureza de suas formas secretas e individuais, transformando-as em objetos visíveis e acessíveis. A conexão entre a admiração diante da existência, tanto no filosofar quanto na atividade artística, destaca a importância do espanto e da estranheza perante o mundo. É dessa admiração e espanto que nasce a arte de Cézanne, uma resposta à vida e à existência que sempre se mostram como familiar e ao mesmo tempo como algo novo e estranho.

Essa visão encerra a pintura de Cézanne como uma resposta ao assombro, uma tentativa de capturar e compartilhar com outros essa sensação de espanto diante da vida. É uma bela maneira de entender a arte como um meio de transmitir e compartilhar as complexidades e a beleza da experiência humana.

REFERÊNCIAS

DUPOND, P. *Vocabulários de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins fontes, 2010.

FAUCONNIER. Bernard. *Cèzanne*. Tradução: Renée Eve Levié. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

Caroline de Paula Bueno

KLEE, Paul. *Théorie de l'art moderne*. Édition et traduction établies par Pierre-Henri Gonthier. Saint - Amand: Denoël, 1985. (Collection Folio/Essais).

MOURA, A. C. *Liberdade e situação em Merleau-Ponty: uma perspectiva ontológica*. São Paulo: Humanitas, 2010.

MENDES, M. I. B. de S.; ARAÚJO, A. C.; DIAS, M. A.; MELO, J. P. de. *Reflexões Sobre Corpo, Saúde E Doença Em Merleau-Ponty: Implicações Para Práticas Inclusivas*. Movimento, [S. l.], v. 20, n. 4, p. 1587–1609, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.42958. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42958>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução C.A.R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. *O visível e o invisível*. 3. ed. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d' Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1999b.

_____. *Sens et non-sens*. Paris: Gallimard, 1996.

_____. *Conversas: 1948*. Tradução de Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *O olho e o espírito*. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2004b.

_____. *A Estrutura do Comportamento*. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, M.C.S. *Saúde-doença: uma concepção popular da Etiologia*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 363-381, 1988.

MOUTINHO, L. D. S. *Razão e Experiência: ensaios sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2006.

VIEIRA, M. G. *Corpo e psicopatologia na filosofia de Merleau-Ponty*. Ribeirão Preto, SP: USP, 2010, 200p [Dissertação mestrado].

SACKS, O. *O olhar da mente*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Um antropólogo em marte*. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em: 07/03/2024.

Aprovado em: 31/05/2024.